

Curador
Delfim Sardo

Coordenação de produção
Mário Valente

Produção
António Sequeira Lopes
Fernando Teixeira
Adriana Mestre (estagiária)

Montagem
André Tasso
Bruno Cecílio
Catarina Vicente
Daniel Fernandes
Diogo Bolota
Jöris Dalle
Laurindo Marta

Agradecimentos
Ana Nobre de Gusmão
António Filipe Pimentel
Cristina Guerra
Fernando Bello
Fernando Ribeiro
Giorgio Persano
Jöris Dalle
João Ribas
Julião Sarmento
Maria da Graça Carmona e Costa
Penelope Curtis
Rui Quintela

Galerias
Terça a sexta-feira das 11h às 18h
Sábado, domingo e feriados das 11h às 19h

Livraria
Aberta no horário das Galerias. Encerra nos períodos em que não há exposições.

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego n.º 50 · 1000-300 Lisboa
Telefone: 21 790 51 55

www.culturgest.pt

pintura tardo-medieval e renascentista e refere-se a frisos narrativos na base de pinturas religiosas, frequentemente cenas da vida de Cristo. Aqui expurgados de narratividade, utilizados também na vertical, propõem a coexistência de duas ordens de procedimento visual, operando uma síncope no fluxo da imagem.

Salas 5 e 6
A escala

A escala sempre foi muito importante no trabalho de Biberstein. Esta escala que, muitas vezes, liga a sua pintura à noção de sublime – o próprio artista o fez em entrevistas e em textos –, tornou-se muito importante na sua forma de entender uma pintura que propõem a imersão do espectador. A partir do início da década de 1990, a sua pintura, com títulos que remetem para a sua outra paixão, a cosmologia, propõe um corte com a ideia de representação paisagística para se oferecerem como enormes campos que são, eles mesmos, paisagens. De facto, este procedimento implica uma proposta ao espectador de se deixar envolver num processo de contemplação que é, simultaneamente, uma desaceleração temporal, tentando restituir à arte a capacidade de modificar o espectador pelo exercício do olhar.

As obras mais recentes, de formato quadrado, concentram esta proposta, assumindo-se como atratores, campos de visão que fazem o olhar corporalizar-se no mergulho para o interior do espaço.

Delfim Sardo

Michael Biberstein was a Swiss-American artist who lived in Portugal for more than three decades. Having started out as a conceptual artist, who paid close attention to the philosophy of language and logical positivism, until the 1980s his work was concerned with the decay of the processes of painting, as well as the topology of the exhibition space.

This exhibition is the first retrospective to be held of the work that Michael Biberstein produced in Portugal since 1995. Organised in a non-chronological fashion and centred upon the themes that motivated the artist (the language of painting, spatiality and scale, the relationship with landscape as a historical device), it spreads over two galleries, presenting drawings, painting and sculpture. It is the largest exhibition ever devoted to the work of Biberstein, who disappeared prematurely at a particularly intense moment in his creative process.

Visitas guiadas

Aos sábados
19 maio, 12h com Delfim Sardo
9 e 23 junho, 7 e 21 julho, 16h30
com Ana Gonçalves

À hora de almoço
5 junho, 13h com Delfim Sardo
22 maio, 19 junho e 3 julho, 13h
com Ana Gonçalves

Visitas para escolas

23 maio a 20 julho
Duração: 1h · 1€ · Mínimo: 10 participantes
Reservas: 21 761 90 78

Durante a exposição será realizado um conjunto de diálogos com a obra de Michael Biberstein

Nuno Crespo
6 junho, 18h

Julião Sarmento
19 junho, 18h

Fernando Bello
8 setembro, 16h30

Exposição · 19 maio – 9 setembro 2018

Michael Biberstein: X uma retrospectiva

A produção desta exposição contou com a colaboração da Fundação Carmona e Costa.


fundação carmona e costa
ESPAÇO ARTE CONTEMPORÂNEA

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

A obra de Michael Biberstein (Solothurn, 1948 – Alandroal 2013), abruptamente interrompida, realizou uma rara ponte entre a prática da pintura, a utilização de uma linguagem conceptual herdeira da filosofia analítica, as questões em torno da paisagem através dos seus processos próprios da pintura, numa perspetiva culta e dialogante com a história, para além da recuperação de um certo entendimento da contemplação. Estes diferentes momentos parecem indiciar atitudes, procedimentos e culturas artísticas divergentes. No entanto, a articulação interna do percurso de Michael Biberstein não só indiciam o contrário, como revelam conexões que permanecem invisíveis nas narrativas da história da arte recente, desvelando as ligações entre o pensamento modernista sobre a linguagem, a herança do romantismo, a paisagem como possibilidade de uma visão política sobre o mundo e a não oposição entre o universo conceptual e uma abordagem sensível, frequentemente imersa na produção de ambientes.

Chegou agora o momento de mostrar o seu percurso artístico com a certeza de que a grande maioria das obras apenas é de muito restrito conhecimento público, sobretudo as obras entre o início da década de 1970 e as pinturas paisagísticas realizadas a partir de 1986. Michael Biberstein viria a Portugal, por convite de Julião Sarmento, onde participaria na exposição *22 Artistas Suíços* na Galeria Nacional de Arte Moderna, acabando por se radicar em Portugal a partir de 1979, vivendo em Lisboa, depois no Penedo, em Sintra, e finalmente na Fonte Santa, perto do Alandroal, no Alentejo, onde viria a falecer.

O percurso de Michael Biberstein está intimamente ligado à sua formação inicial em História da Arte no Swarthmore College de Filadélfia em 1966/67, onde foi atento aluno de David Sylvester que muito o influenciou, sobretudo na noção de que existem questões, em arte, que só podem ser respondidas pela prática artística e pelo aturado exercício do olhar.

A sua prática da pintura e do desenho iniciou-se, em consonância com o espírito do tempo, por procedimentos conceptuais,

particularmente atentos à leitura do espaço e ao lugar do observador. Influenciado pela filosofia analítica, estas preocupações levá-lo-iam a uma investigação sobre os processos da pintura a partir da desconstrução dos elementos do quadro, já no início da década de 1980 e, finalmente, a um intenso trabalho de reflexão sobre a paisagem como forma de organização do campo visual.

É todo este percurso que esta exposição percorre, iniciando-se pelas obras sobre o lugar e a posição do observador, na primeira parte, e prosseguindo pela analítica da pintura e a paisagem, na segunda.

Ao longo do tempo, a pintura de Michael Biberstein foi adquirindo uma qualidade espacial que deriva da sua escala, o que não equivale a afirmar que deriva da sua dimensão mas de um conjunto de relações internas que estabelece, nomeadamente a proporção das barras negras que intercetam os planos paisagísticos, as relações internas de dimensão das telas que formam obras compósitas e, por fim, também a dimensão das grandes pinturas. A relação que Biberstein firmou com a paisagem assenta no estabelecimento de um campo pictórico que, como um ecrã (com toda a carga projetiva que o termo comporta), não pretende representar paisagens mas estabelecer um campo visual que se afirma, ele mesmo, como possibilidade de paisagem – necessariamente interior e não correspondente a um qualquer campo visual que lhe é externo e modelar. A proposta de uma pintura imersiva, à qual Biberstein se dedicou desde a descoberta da paisagem como temática aglutinadora da sua obra, pode ser entendida à luz da tensão entre a empatia que as obras convocam e, simultaneamente, a estranheza e complexidade do sublime. Numa entrevista, já no início deste século, Biberstein afirmou: “o que é importante, não é o trabalho em si mesmo, não é a pintura, mas o que acontece na nossa mente quando olhamos para qualquer coisa, quando nos colocamos numa determinada posição para fazermos o que fazemos quando olhamos para arte”.

Esta exposição é sobre essa posição, o X que marca o lugar de onde se exerce a visão.

PRIMEIRA PARTE

Salas 1, 2 e 3

As obras apresentadas no início da exposição são, genericamente, sobre o lugar e a posição do espectador. As primeiras obras são marcações de formas lineares na tela (uma linha horizontal, uma diagonal ou uma cruz) à qual se justapõem as mesmas formas repetidas diretamente na parede, embora de diferente dimensão. A não expressividade destas inscrições, descritas como instruções para serem realizadas por terceiros, permitiu a sua reconstrução em exposição, tendo sido convidado o artista mais próximo de Biberstein, Julião Sarmento, a materializar as partituras destas intervenções.

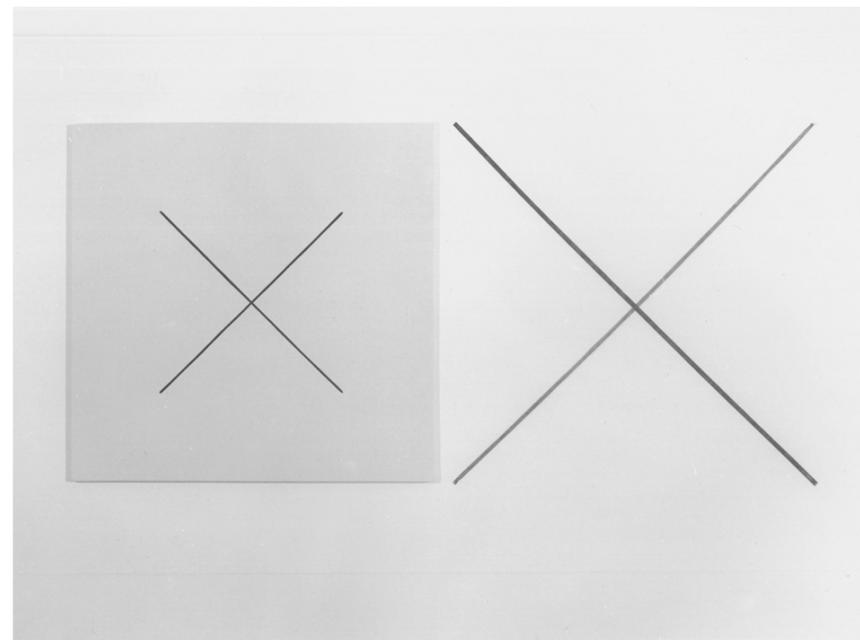
Outro conjunto de obras liga formas simples na tela (um triângulo, por exemplo) a elementos em aço colocados no chão, ou

ligando o chão à parede, contrapondo o espaço representacional da pintura ao espaço real.

A terceira sala mostra um conjunto de peças muito delicadas em gaze, recentemente reconstruídas, que desconstroem os elementos da pintura, confrontadas com telas (muito próximas no tempo) que, em dípticos, apresentam gestos muito simples e que, por vezes, parecem escapar da superfície da tela.

Sala 4

É aqui reconstruída a instalação *Acerca de Vernet, da paisagem, do belo e do sublime e da importância que ainda podem ter para a arte contemporânea* que Michael Biberstein apresentou no Museu Nacional de Arte Antiga em 1991. As duas pinturas e o desenho continuam, mais de uma década depois, a pesquisa sobre a identificação do lugar e os processos de representação, agora por processos pictóricos



Sem título, 1977 - Óleo sobre tela e acrílico sobre fita adesiva, 80 x 160 cm - Estate Michael Biberstein

distintos. As obras pertencem à coleção da Caixa Geral de Depósitos, tendo o Museu Nacional de Arte Antiga cedido a obra de Vernet que motivou as pinturas e o desenho e que foi mostrado em conjunto na exposição original. Uma banda sonora composta por Alberto Iglésias, com a participação do próprio Michael Biberstein, acompanha, por vezes, a apresentação.

Salas 5 e 6

Estas salas são dedicadas ao desenho, sobretudo ao amplo conjunto genericamente intitulado *Prospect/Refuge-Image* que Biberstein realizou a partir de 1986 e se liga intimamente à instalação do MNAA. São desenhos que possuem, para além de um fragmento de paisagem, a marcação de um lugar a partir de uma notação gráfica, frequentemente a letra “U”. Num certo

sentido, respondem, ainda, às questões colocadas nas primeiras salas.

O desenho de Michael Biberstein acompanhou-o durante todo o seu percurso criativo. Quer configurando gestualidades que se repetem ao longo de todo o seu percurso, quer como reflexão sobre a estruturação do campo visual, quer como notações de procedimentos conceptuais, o desenho ocupa um setor muito importante da produção do artista.

SEGUNDA PARTE

Salas 1, 2 e 3

Não optando a exposição por uma organização cronológica, a temática explorada no início desta segunda parte compara as diferentes formulações da pintura de Biberstein a partir de 1972, nas quais se nota uma subtil afirmação da paisagem a partir do surgimento

da linha de horizonte como estruturação fundamental da pintura. É particularmente interessante notar como algumas das tónicas do seu trabalho se definem nestes anos: a liquidez da composição, alguma gestualidade e a estruturação da representação produzida a partir de eixos horizontais.

O processo de construção da exposição segue sempre uma lógica comparativa, sendo pontuado pela introdução progressiva de elementos analíticos através de pinturas monocromáticas que iniciou no princípio de década de 1980 e que continuou a produzir até aos anos 2000.

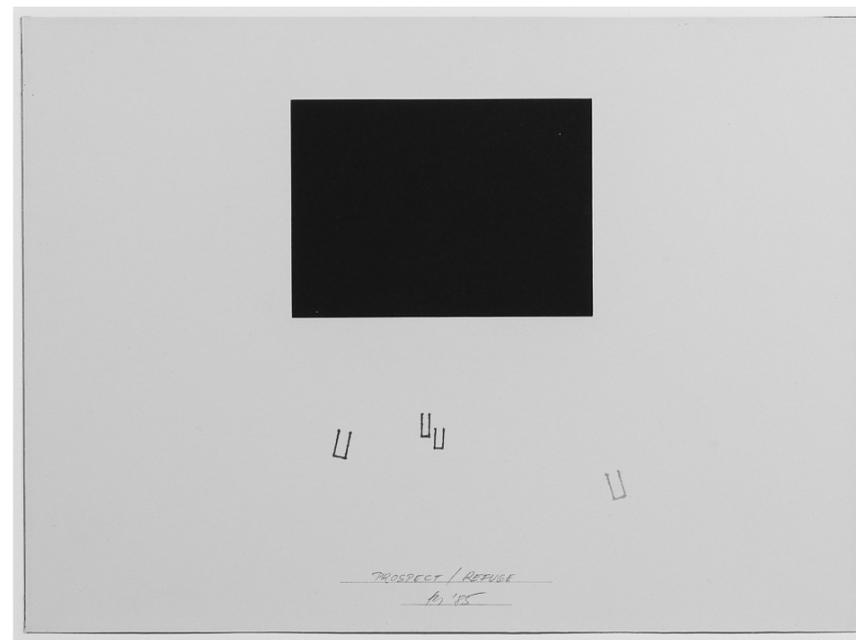
Sala 4

As obras com *praedella*

A partir de 1986, a pintura de Biberstein dedica-

se intensamente à paisagem, seja em acrílicos ou em óleos – estes últimos com uma mais direta conexão em relação à tradição romântica, sobretudo em referências ao suíço Caspar Wolff. Uma das tónicas mais reconhecíveis desta abordagem da paisagem deriva da utilização de elementos negros monocromáticos que cortam na vertical a representação paisagística ou que a fazem assentar sobre massas negras. Estas telas negras não são pintadas – são tecidos de algodão negros – e funcionam, na pintura de Biberstein, como contrapontos musicais à semelhança da música barroca ou do jazz (e esta alusão não é gratuita porque o artista era um melómano atento), em função da amplitude empática das suas alusões paisagísticas.

A estas superfícies negras, Biberstein chamava *praedella*. Este é um termo da



Prospect / Refuge, 1985 - Tinta, grafite e colagem sobre papel, 23 x 30,7 cm - Estate Michael Biberstein



Sem título, 1991 - Acrílico sobre linho e lã preta (2 elementos), 236 x 290 cm
Coleção da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto